

CHUVAS NO RS

Um mês depois, o cenário nos municípios

Cidades lutam para iniciar reconstrução diante dos persistentes alagamentos que assolam regiões inteiras

Com a manchete de que “estradas viraram rios no interior”, o **Correio do Povo** retratava o que havia acontecido no dia 29 de abril, ainda sem que, nem o mais pessimista, pudesse dimensionar o que estaria por vir ao longo do mês seguinte. Passados 30 dias do início dos episódios de chuvas volumosas, o saldo no Estado é o da maior catástrofe climática já registrada no Rio Grande do Sul.

Conforme a Defesa Civil Estadual, até ontem, ao menos 169 pessoas perderam a vida em decorrência de alagamentos, deslizamentos e descargas elétricas, dentre outras ocorrências relacionadas às chuvas. Além disso, mais de 800 pessoas ficaram feridas, enquanto outras 44 seguem desaparecidas.

Entre os 497 municípios do Estado, ao menos 473 tiveram algum tipo de transtorno em decorrência das chuvas, resultando em 2,3 milhões de pessoas diretamente afetadas. Até o início da semana, pelo menos 630 mil gaúchos seguiam fora de suas casas, sendo 48,7 mil em abrigos e 581,6 mil desalojados. O rastro de destruição se espalhou por diversas regiões do Estado. Em várias delas, as maiores enchentes, deslizamentos e demais estragos foram os maiores da história. Nos vales de rios como Taquari, Pardo, Jacuí, Caí, Paranhana, Sinos e Gravataí, assim como nas cidades banhadas pelo Guaíba e pela Lagoa dos Patos, ficaram concentrados a maioria dos afetados por alagamentos. Nas demais áreas do Estado, quedas de rodovias e demais estragos deixaram localidades isoladas e o acesso dificultado em centenas de municípios. Confira como está a situação de alguns municípios atingidos, em diferentes regiões, um mês após os primeiros transtornos:

MAURO SCHAEFER



RICARDO GIUSTI



EDUARDO RODRIGUES / PIXEL PRESS / AE / CP



LAJEADO

■ De acordo com o prefeito de Lajeado, no Vale do Taquari, Marcelo Caumo, três grandes problemas ainda são encontrados na cidade. São eles a limpeza, a ligação viária e a situação dos desabrigados. “A limpeza, que é o mais simples dos problemas, está em andamento e uma boa parte já foi feita. Muitos municípios auxiliaram com caminhões e maquinários. Então, é um longo trabalho ainda pela frente, mas ele está avançando bem”, explica. Caumo relata que, na questão das ligações viárias, há um grande desafio. “Temos a ligação de La-

jeadó e Arroio do Meio, da parte baixa com a parte alta do Vale, como um desafio, porque as duas pontes, tanto a da RS 130 quanto a ligação principal que existia, elas foram levadas pelas águas. Mas passados mais de 25 dias, para conseguir retornar essa ligação, elas estão em execução. Então é aguardar o tempo necessário para que elas possam ser concluídas. Esse acesso é fundamental para que vários municípios da região possam receber insumos e donativos”, relata. Já em relação aos desabrigados, pessoas que perderam suas casas, o prefeito

considera o maior desafio da Prefeitura. Segundo ele, em torno de 15% da cidade foi atingida pela enchente e cerca de 1.300 estão desabrigadas, enquanto o número de desalojados é considerado muito maior. “As pessoas acabam indo pra casa de parentes e amigos. E essa é uma enchente que pegou, tanto as pessoas de uma classe social mais baixa, quanto uma parcela significativa de uma classe média que, apesar da dificuldade, tem uma facilidade maior do que os demais”, conclui. Duas pessoas morreram e cinco estão desaparecidas.

CANOAS

■ Segundo o secretário-chefe do Escritório de Resiliência Climática (Eclima) de Canoas, José Fortunatti, a situação na cidade ainda é crítica, especialmente no lado oeste. “Grande parte dos bairros do lado esquerdo de quem vem pela BR 116 (sentido Capital/interior), ainda está alagada. O nível da inundação diminuiu, mas muitas quadras ainda estão debaixo d’água”, relata Fortunatti. Atualmente, 76 abrigos institucionais estão em funcionamento, abrigando 12 mil pessoas. O maior deles, na ULBRA, acolhe 2,5 mil. Além disso, quase 80 mil pessoas

estão em abrigos voluntários. Sobre o impacto total na cidade, Fortunatti explica que, segundo o levantamento feito pela Prefeitura, 148 mil moradores, de 63 mil domicílios, foram atingidos. Além disso, 6,5 mil estabelecimentos, incluindo religiosos, de saúde, ensino e comerciais, sofreram danos. Alguns bairros, como Mato Grande, onde não há Dique, já começaram a se recuperar. “Este foi o primeiro bairro a ser atingido e, conseqüentemente, o primeiro a começar a recuperação”. No entanto, a situação ainda é delicada. “Não incentivamos o

retorno às casas devido ao risco de doenças, mas muitos moradores estão voltando por medo de saques e roubos”. Os esforços de limpeza e drenagem estão em andamento, com 20 bombas já em operação. O acesso aos bairros ainda alagados é um dos maiores desafios. A cidade teve 27 óbitos e 12 pessoas ainda são consideradas desaparecidas. A fase de reconstrução está em planejamento. “Reunimos 70 entidades da sociedade civil para começar a pensar no futuro, além de continuar a assistência às pessoas afetadas”, garante.

PELOTAS

■ A cidade de Pelotas, no Sul do Estado, ainda enfrenta uma situação crítica devido às enchentes, que representam a maior crise hídrica da história do município. A prefeita Paula Mascarenhas faz um panorama das ações em curso e da situação atual. “Criamos uma sala de situação na qual participam todas as forças de segurança municipais, estaduais e federais”, explica. Ela destaca que, diariamente, as equipes se reúnem para avaliar dados e fazer projeções, mantendo a população informada através de comunicados ao vivo. “Definimos áreas de risco a

partir dessas projeções da Universidade e pedimos para as pessoas evacuarem essas áreas. Tivemos sucesso, algum sucesso, nem todo mundo aprendeu, mas muita gente saiu”. Atualmente, cerca de 700 pessoas estão abrigadas em locais públicos e privados. O sistema de contenção de cheias do município tem funcionado bem, apesar dos desafios enfrentados, como o pico do nível do canal que atingiu 3,13 metros, muito acima do recorde histórico anterior de 2,88 metros. “Segunda-feira (dia 27) foi o dia mais grave que nós enfrentamos aqui, por

conta no vento leste, forte, das chuvas intensas, e o canal e a lagoa já estavam a níveis muito altos”, relata. Em termos de acessos, a cidade teve problemas temporários, mas a situação já está se normalizando. O tempo de preparação que a cidade teve ao observar as enchentes na região Metropolitana e tomar medidas proativas foi essencial. De acordo com a base de dados da Prefeitura, dos mais de 5,8 mil cadastros efetivados no Auxílio Reconstrução, 3.039 são das localidades do Laranjal e 1.012 da Colônia de Pescadores Z3.

OUTRAS CIDADES

CAXIAS DO SUL

■ A situação no interior do município foi muito grave e praticamente todas as pontes e pontilhões foram destruídos. A subprefeitura de Vila Cristina, a UBS, toda frota de caminhão e máquinas ficaram embaixo da água e ainda não houve recuperação. Cerca de 500 propriedades rurais foram severamente atingidas e mais de 4 mil quilômetros de estradas de chão foram afetadas por deslizamentos ou rupturas. A estrada que liga Vila Cristina e Santa Lúcia também está destruída. Apesar dos estragos, não há mais pessoas em abrigos temporários. Dez pessoas morreram.

NOVO HAMBURGO

■ Alagamentos ainda persistem e bombas para retirar a água dos bairros e despejá-la no rio foram contratadas. Uma bomba da Sabesp também atua na cidade, assim como convênios com arroseiros para a utilização de equipamentos foram realizados. Estimativas indicam que 30 mil dos 250 mil habitantes foram afetados, principalmente nos bairros Santo Afonso e Canudos, com aproximadamente 10.400 casas atingidas. Cerca de 2 mil pessoas seguem em abrigos oficiais.

SÃO LEOPOLDO

■ A cidade ainda trabalha para escoar a água, principalmente nos

bairros Campina, Vicentina e Vila Brás. Seis bombas foram alocadas em três bacias e a prefeitura tenta recuperar os equipamentos originais. Das 34 mil residências atingidas, 60% ainda têm dificuldade de acesso. Cerca de 40% dos moradores conseguiram começar o processo de limpeza de suas casas. A enchente atingiu aproximadamente 180 mil pessoas. Nos abrigos, 14 mil pessoas ainda estão alocadas. A cidade teve nove óbitos e uma pessoa está desaparecida.

TRÊS COROAS

■ O trabalho de limpeza foi iniciado. Pontes precisam ser reconstruídas e uma equipe do Rio de Janeiro atua na região para

analisar os deslizamentos. Cerca de 80% da cidade foi afetada. Da população de 25 mil pessoas, 18,2 mil foram atingidas. O município registrou três óbitos.

SANTA MARIA

■ Um projeto de aluguel social no valor de R\$ 1.200 por mês foi aprovado pela prefeitura. A cidade não sofreu grandes inundações, mas a infraestrutura foi severamente atingida. Serão necessários R\$ 110 milhões para recuperar ruas, e realizar drenagem e macro de drenagens. Uma ponte provisória na BR 287 foi liberada. De Santa Maria e Porto Alegre ainda há cinco trechos totalmente destruídos.

SÃO SEBASTIÃO DO CAÍ

■ A cheia chegou no momento em que o município celebrava aniversário e afetou não apenas as áreas ribeirinhas, mas também o centro da cidade e várias áreas anteriormente nunca inundadas. Mais de 1,2 mil pessoas foram resgatadas.

RIO GRANDE

■ Alagamentos permanecem diante do nível elevado das águas na Lagoa dos Patos. Cerca de 600 pessoas estão desabrigadas. Diversas localidades do interior permanecem isoladas. Apesar das condições meteorológicas, a operação do porto continuou sem grandes interrupções.